

SIMON NJAMI NA CASA DAS ÁFRICAS.

SÃO PAULO, 8 DE JUNHO DE 2005.

Simon Njami iniciou sua palestra dando um depoimento sobre sua própria trajetória no campo das artes, que se iniciou com a organização do evento intitulado *Ethnicolor*, realizado em Paris em 1987. A mostra reunia artistas europeus, africanos, norte-americanos e caribenhos, entre outros.

A proposta central do *Ethnicolor* era que os espectadores adivinhassem a origem do artista através da observação de suas obras. Como a porcentagem de erros era altíssima, foi possível alcançar o objetivo dos organizadores, ou seja, mostrar aos franceses, e aos europeus em geral, que a *“questão central não é a cor da pele, mas a humanidade do artista”*. Conforme admitiu Njami, este evento teve, desde a sua concepção, uma intenção e caráter marcadamente político.

Em seguida veio a idéia da *Revue Noire*¹, segundo suas próprias palavras *“para mostrar uma outra África”*, uma arte contemporânea africana. A proposta era permitir que os próprios africanos *“falassem”*.

Para ilustrar a necessidade de dar *“voz”* à África, Njami contou a história de certa pesquisadora alemã, que escreveu uma obra considerada indispensável para a compreensão dos processos sócio-culturais na Etiópia. Segundo Njami, a senhora não falava amárico, e nem tão pouco os grupos que ela pretendia estudar compreendiam inglês (ou alemão). Para lhe auxiliar com os questionários que pretendia realizar junto a algumas populações do local, requisitou a ajuda de um rapaz que falava amárico e inglês. E assim construiu suas teorias e escreveu o livro considerado pelos europeus indispensável para se conhecer a Etiópia: indo ao interior, abordando as pessoas através de um tradutor que fazia as perguntas e voltava com as respostas já traduzidas para o inglês.

¹ Simon Njami foi editor-chefe da *Revue Noire*, iniciada em 1991, por doze anos.

Simon Njami nos pergunta: *“é possível escrever algo com informações desse tipo?”*. Então, nos explica que a intenção da **Revue Noire** era justamente mostrar a visão *“dos índios descobrindo Cristóvão Colombo”*.

Njami nos chamou a atenção para uma realidade que existe no mundo da arte como um todo: a dificuldade que os artistas encontram para falar por eles mesmos, sem necessariamente a intermediação interpretativa dos considerados “especialistas”. A partir daí nos colocou o problema que os africanos enfrentam no universo da arte contemporânea: Quem seriam eles? Artistas? Africanos? Artistas africanos?

Observou que é necessário, portanto, criar uma nova definição para o significado de **arte contemporânea africana**. Afirmou que suas exposições sempre começam tentando encontrar *“quem é o africano”*, e completou dizendo que *“a imagem que eles têm deles mesmos e a imagem que os outros têm deles faz parte da luta dos artistas africanos”*.

Simon Njami falou então de seu mais recente trabalho, a curadoria do evento **Africa Remix**². Saliou que para o público em geral, a África ainda é somente aquela que existe abaixo do Sahara. E, no mundo da arte, a África só é mostrada pelos que ele chama ironicamente de *“essencialistas especialistas da especialidade”* e ainda assim apenas no seu aspecto dito de “autenticidade” africana.

Por isso, um dos critérios que nortearam seu trabalho no **Africa Remix** foi fazer calar esta busca pela suposta “autenticidade” da arte africana. Através da seleção de trabalhos de artistas como uma argelina baseada em Moscou, uma etíope de mãe sueca, e através das biografias dos artistas, a exposição busca condensar parte da história africana. Ao mesmo tempo, a mostra aponta que não é mais possível dirigir aos africanos o discurso *“voltem-se para as máscaras para saberem quem são”*, porque uma parte deles, africanos na África ou na diáspora, está mesmo ali, mas em seu conjunto estão todos em metamorfose. E **Remix** é também isto: *“a produção de algo novo a partir do antigo”*.

² A exposição Africa Remix está atualmente em cartaz no Centre Georges Pompidou em Paris.

Njami encerrou a palestra sugerindo que *“olhássemos e observássemos as obras em si, e não tentando adivinhar o que elas poderiam ser ou quisessem dizer”*. Que atentássemos para *“o que os artistas africanos estão contando, suas experiências e histórias, pois a arte contemporânea é uma arte que acontece em paralelo com a vida”*.

O catálogo da exposição **Africa Remix** e exemplares da **Revue Noire** encontram-se disponíveis para consulta na biblioteca da Casa das Áfricas.

Para mais informações sobre o **Africa Remix**, ver:

Entrevista de Simon Njami à revista **Africultures**

http://www.africultures.com/popup_article.asp?no=3838&print=1

Africa Remix

<http://www.africaremix.org.uk/>

Revue Noire

www.revuenoire.com

Ethnicolor

Entrevista com Simon Njami

www.luxflux.org/n9/regiones3.htm